

Escola: Escola Estadual Gelvira Correa Pacheco	NRE: Curitiba
Autor: Carmela Bardini	e-mail: melaedf@yahoo.com.br
Nível de Ensino: Ensino Fundamental	
Título: Danças Circulares	
Disciplina: Educação Física	
Conteúdo Estruturante: Dança	
Conteúdo Básico: Danças Circulares	
Conteúdo Específico: Danças Circulares Sagradas	
Validador disciplina Folhas: Mário Cerdeira Fidalgo	
Validador relação interdisciplinar 1: Joseane Dittmann Antunes	
Validador relação interdisciplinar 2:	

Danças Circulares



Fig 1: celebração

As pessoas costumam dançar em várias ocasiões, em contextos diversos e com motivações muito variadas.

Você já percebeu que as danças influenciam a produção cultural dos povos? As danças circulares, por exemplo, são manifestações coletivas que acompanham a história da humanidade e apresentam significados diversos para as pessoas que dançam. E você, tem o costume de dançar? O que você acharia

se alguém lhe convidasse para entrar numa roda de danças circulares sagradas?

Qual é a relação entre música e movimento em sua vida?

Não há como negar que a música gera sensações. E também precisamos reconhecer que é através do movimento, ou da falta dele, que costumamos expressar o que sentimos. A música entra não só pelos ouvidos, mas por todos os poros do nosso corpo. E ela pode “sair” de diversas formas: podemos ficar com os pelos arrepiados de emoção, fechar os olhos para aguçar outros sentidos, ou mesmo movimentar o corpo ao ritmo da música.



Fig 02: CHORINHO, CÂNDIDO PORTINARI

As músicas, enquanto criações humanas, devem ser entendidas a partir da sua origem e significados aos povos. Estas, quando associadas aos movimentos, adquirem a forma de dança. Neste sentido, precisamos reconhecer que a dança é um dos canais de experimentação dos sentidos aguçados pela música.

A dança sempre esteve presente na vida dos seres humanos em momentos festivos, de lazer e de encontro. Cada povo tem suas formas de confraternizar, agradecer e comemorar. Além dos momentos alegres, a dança aparece na história da humanidade em momentos de resistência, de luta e de luto.

Falando nisso, você já se perguntou porque será que as pessoas dançam? Você acha que é preciso motivo para dançar? Quais são os seus quando dança?

Para alguns a dança é fonte de cura, para outros ela pode ser uma manifestação de alegria, pode ser um meio de se exercitar ou forma de seduzir. Alguns a experimentam como arte, enaltecendo seu potencial criativo, outros como oração, evocando sua fé. Ela pode ser uma meditação, pode ser um espetáculo, um entretenimento, um manifesto, um rito.

Em alguns casos as danças acontecem de forma mais espontânea, em outras mais elaboradas, com a composição de coreografias e técnicas de movimento apuradas.

Há pessoas que dedicam seus dias à dança e fazem dela um ofício. Outros, por falta de oportunidade ou interesse, sentem-se satisfeitos ao dançar em ocasiões especiais como uma valsa durante um aniversário de 15 anos. Há quem sequer esteja disposto a experimentar a dança.

O fato é que independente da intensidade a qual nos dedicamos a ela, para compreendê-la precisamos vivenciá-la. Não há melhor forma de dar significado à dança, senão dançando.

Eis uma palavra importante: **significado**. Como você já deve ter percebido, a dança pode ter vários significados.

Você reconhece os significados da dança em sua vida? A forma como dançamos, nossos gestos e movimentos, nos ajudam a perceber os significados que damos a dança. Às vezes temos dificuldade de perceber nossos modos de dançar porque eles já são muito familiares e temos a tendência a naturalizá-los. Porém precisamos perceber que eles foram aprendidos através do convívio com a família, com os amigos e assumem diferentes significados.

Quando viajamos e conhecemos outras pessoas costumamos comparar nossos modos de viver com a forma de viver dos outros. Começamos a perceber que temos comportamentos diferentes. E na dança isto também acontece. Por exemplo: imagine um morador de uma grande cidade que costuma frequentar bares lotados, rodeado por pessoas desconhecidas, ouvindo músicas eletrônicas e tendo como principal experiência de manifestação da dança movimentar o corpo sem quase sair do lugar. O que será que este sujeito pensará ao participar de um baile em que as músicas são tocadas por violeiros da cidade, várias vezes cantando em coro, danças em pares, com giros pelo salão, pessoas de todas as idades, muitos parentes e amigos?

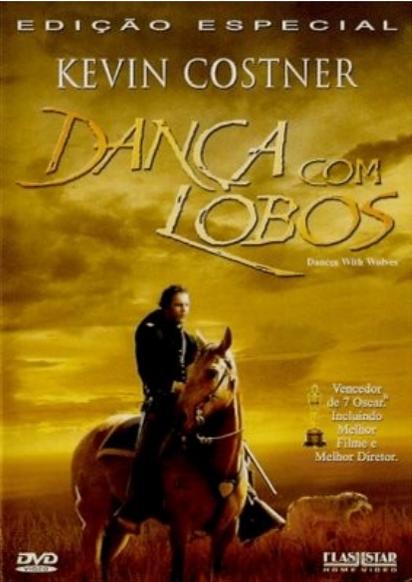
Pode ser que haja um estranhamento. É neste momento que melhor compreendemos o que quer dizer diversidade cultural. Ou seja, percebemos que fazemos parte de um povo, que tem modos próprios de viver e de dançar. O que não quer dizer que devemos classificar como melhor ou pior. Ao contrário, devemos valorizar as diferenças regionais como marcas da identidade de um povo e de suas heranças.

Lembrando ainda que a dança é uma manifestação cultural e que deve ser pensada no plural: as culturas. Não há dúvidas de que a dança é manifestada de diferentes formas ainda que estejamos no mesmo ambiente. Inclusive, na vida de um mesmo indivíduo.

E mais, enquanto manifestação cultural, a dança deve ser pensada como algo em constante transformação. Ou seja, os gestos e movimentos expressados na dança possuem significados diversos a cada contexto e momento histórico.

Com isso, há permanentes tensões entre tradições e mudanças. Surgem constantemente novos ritmos, movimentos, espaços de dançar e até mesmo motivos para dançar. Isto acontece porque as pessoas não só se apropriam das danças como também as transformam e dão novos significados. Por isso podemos dizer que a dança está em constante (re) significação.

Para compreender melhor o sentido da dança em nossas vidas também precisamos avaliar cada contexto a qual estamos inseridos(as) e onde há manifestações de dança.

	<p>ATIVIDADE:</p> <p>FILME: Dançando com lobos</p> <p>Assista ao filme e relate a intenção do jovem soldado ao dançar em volta do fogo, tendo como único telespectador um lobo que sempre o visita. O que ele procurava? O que o moveu a dançar? Estava apenas movendo seu corpo ou havia algum significado na dança? O que ele expressava?</p>
--	---

A sua família costuma dançar? Em que circunstâncias dançam? E com os seus amigos(as)? Onde dançam?

Além dos significados da dança, podemos compreendê-la com base nos espaços que utilizamos para dançar. Isto é, há uma forte relação entre significado e contexto. Chegamos a mais uma palavra-chave: **contexto**.

Então vamos pensar nesta afirmação: dançar em casa é diferente de dançar na escola, assim como é diferente de dançar no palco, que é diferente de

dançar na igreja, que por sua vez é diferente de dançar num bar e também é diferente de dançar na rua e assim sucessivamente!

Você concorda que há diferenças?

Esta questão não é tão fácil de responder, mas o fato é que ela nos ajuda a perceber as diferentes dimensões em que a dança aparece no cotidiano das pessoas: ora estamos numa festa, ora numa apresentação, ora num culto, ora numa manifestação popular, etc.

Sendo assim, fica claro que a dança não pode ser considerada simplesmente como movimento corporal. Mais do que movimentar partes do corpo, a dança é uma forma de expressão. Portanto só é possível compreender a dança dentro de um contexto, de modo a encontrar os significados que ela assume àqueles que dançam.

Lembre-se que a dança, por ser uma forma de linguagem, é um sistema composto por símbolos, signos, movimentos e gestos que são construídos culturalmente ao longo do tempo.

PESQUISA: Até aqui falamos de duas palavras chaves: significado e contexto. O que elas tem a ver com dança?

Faça uma pesquisa, utilizando livros, revistas e a internet, sobre um tipo de dança e busque esta relação. Depois apresente aos colegas fazendo um debate.

E na Escola, quais são os sentidos da dança?

A dança aparece na escola em situações de caráter festivo: em datas comemorativas – dia do índio, dia da criança, homenagens aos Pais –, nas festas – carnaval, festa junina, encerramento do ano letivo, etc – assim como em festivais de dança.

Além disso, a dança é conteúdo de duas disciplinas escolares: Arte e Educação Física. É a partir destas disciplinas que os alunos tem a oportunidade de aprender mais sobre as danças.

O ensino da dança faz parte dos objetivos da escola. Através de pesquisas, debates, apreciação de vídeos, vivências e novas criações os estudantes se apropriam deste patrimônio cultural.

Leia a história do Matheus: “Ontem, na volta da escola meu primo caminhava descompassado. Imagine: ele dava três passos para frente, voltava dois passos para trás e balançando o corpo avançava um passo”.

Parece confuso? Então vamos experimentar: começando pelo pé direito dê três passos para frente. Certo? Agora volte com dois passos para trás (detalhe: volte primeiro com o pé esquerdo), tudo bem? E para finalizar, dê um passo para frente com o pé esquerdo. Ufa, agora faça tudo sem paradas. Pé direito começa: frente, frente, frente, atrás, atrás e frente.

Nossa, parece coisa de indeciso que não sabe para onde ir. Foi mais ou menos isso que passou pela cabeça do Matheus ao observar seu primo voltando da escola.

Matheus perguntou ao primo: O que é isso? Ele falou: – “São passos de uma dança circular de Israel. Além desta aprendi uma dança da Macedônia, outra da Grécia e uma Africana. A professora disse que estamos conhecendo um pouco sobre a cultura dos povos”.

Você sabe qual é a diferença entre o que você acabou de fazer e o que acontece durante esta dança de Israel que o primo do Matheus aprendeu?

A diferença é que na dança estes passos acontecem continuamente, repetidas vezes, havendo pequenas alterações no refrão. Além disso, os passos acompanham o ritmo da música, a dança é feita em roda e com várias pessoas de mãos dadas.

Muita informação? Então se prepare para conhecer um pouco mais sobre o mundo da dança! Abordaremos as danças circulares como manifestação coletiva que acompanha a história da humanidade. Neste Capítulo vocês conhecerão um pouco sobre um movimento chamado Danças Circulares Sagradas.

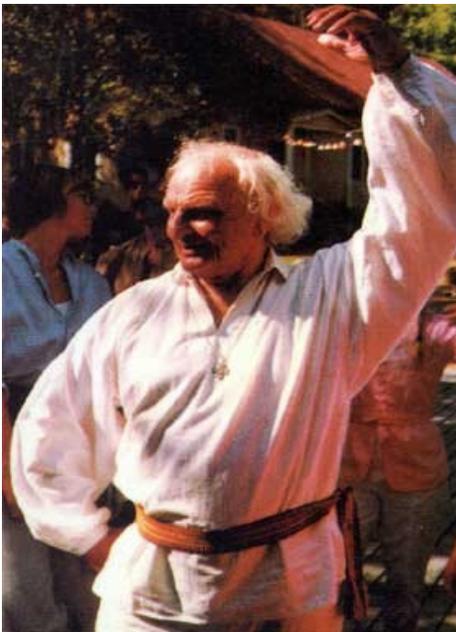
Mas antes, um desafio:

ATIVIDADE:

Imagine qual será a melhor forma de explicar numa folha de papel como se realizam os passos da dança de Israel. Pense num código simples para que uma pessoa possa visualizar e reproduzir os movimentos. Regra: não vale utilizar palavras ou desenhos de pessoas. Fique a vontade para usar letras e traços (curvas, linhas e flechas). Se precisar explicar o sentido de algumas letras ou símbolos faça uma legenda. Faça o registro e na próxima aula chame alguém da escola, pode ser a Diretora, secretaria, cozinheira, para reproduzir os gestos com base nas informações colocadas no papel.

Retomando os passos que serão descritos no papel: “começando pelo pé direito: três passos para frente, dois passos para trás (detalhe: volte primeiro com o pé esquerdo), um passo para frente com o pé esquerdo. A roda gira no sentido anti-horário (o movimento inverso do relógio) e os passos são dados nesta direção da seguinte forma: frente, frente, frente, atrás, atrás e frente.”

O Movimento de Danças Circulares Sagradas



O bailarino e coreógrafo Bernhard Wosien (1908 – 1986), nascido na Masuren (Prússia Oriental), se dedicou ao ensino da dança a partir dos anos 60. Nesta época ele se despediu dos palcos e assumiu atividades docentes numa Escola Técnica para Estudos Sociais em Munique. Na ocasião, formou um grupo na Escola Popular Superior e viajou durante vários períodos de férias para o sudoeste europeu, onde teve contato com diversas danças tradicionais dos povos. Eram danças de roda antigas que ainda se mantinham vivas. (Wosien, 2000)

Fig 03: Bernhard Wosien

Após alguns anos, em 1965, ele ocupou um cargo de docente na Universidade de Marburg. E assim, na área de Ciências Educacionais do Departamento de Pedagogia para Excepcionais, assumiu “Procedimentos Especiais da Pedagogia da Cura” onde ensinou as danças de roda como meio para a pedagogia de grupo.

E como foi que o trabalho de Bernhard se tornou um movimento?

Este movimento – que hoje atinge vários povos e que se organiza em encontros, festivais, cursos e bailes – começou quando Bernhard foi convidado para ensinar um conjunto de danças circulares dos povos, em 1976, para uma comunidade chamada Findhorn, na Escócia. Além das danças originárias dos povos, ele incluiu em seu repertório algumas composições próprias. Tratava-se de danças com forte simbologia, atreladas aos elementos da natureza como o céu, a terra, o sol, a lua, o fogo, o ar e a água.

A partir de então, a Comunidade de Findhorn criou uma rede internacional de meditação pela dança. Através de vivências, cursos de formação e encontros anuais eles revitalizam esta rede de pessoas que multiplicam o movimento. Aos que promovem as rodas e conduzem as danças damos o nome de Focalizadores. É através deles que o movimento denominado Danças Circulares Sagradas se fortalece.

Você já se perguntou como será que os focalizadores conseguem lembrar dos passos de tantas danças e da origem de cada uma delas? Uma das moradoras de Findhorn, Anna Barton, criou um código que foi adotado por vários focalizadores.

Agora que você já criou uma forma de representar a dança de Israel da história do Matheus, conheça a forma de registro mais utilizada no movimento das Danças Circulares Sagradas para esta dança:

KVAR ACHAREI CHATZOT

Origem: Israel

Coreografia: Rivkah Sturman – [dança contemporânea \(glossário\)](#)

Música: tradicional

Formação: roda mãos em V – [mãos dadas com braços estendidos para baixo](#)

Início: na letra da música – [quando damos o primeiro passo](#)

Fonte: [nesta parte colocamos o nome de quem nos ensinou a dança](#)

Parte A

 D E D (indicação dos passos: D – pé direito e E – pé esquerdo)
f f f (indicação do que faz com os pés, neste caso: f – passo à frente)

 E D E
t j f (j – junta)

Parte B

 D E D
f f f

 E D
l xf (estala os dedos / mãos cruzadas) (xf – cruza atrás)

Seqüência das partes (2 blocos):

A: 8 x B: 4 x A: 4 x B: 3 x e D junta E	A: 8 x B: 4 x A: 4 x B: 1 x
--	--------------------------------------

Você pode acessar esta música em sites de Israel, como por exemplo, na página:
<http://israelidances.com/dance_details.asp?DanceID=1833>

Além disso, no youtube você poderá assistir a uma demonstração de outra coreografia, criada em 1970 por Shlomo Bchar, para esta mesma música. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?gl=IL&hl=en&v=zNd0WYpX5mo>>

ATIVIDADE:

Aprenda um pouco mais sobre a escrita simbólica e complete os quadros solicitados:

Segue abaixo - Posição básica que serve de referência para acompanhar a legenda	CORPO (referencia da parte da frente – barriga)	DIREÇÃO (representada pela flecha)
	Corpo voltado para o centro da roda ponto – representa o centro da roda	No lugar / sem direção indicada
Exemplos básicos:		
	Corpo voltado para o centro da roda	Passos para dentro da roda
	Corpo voltado para o centro da roda	Passos para fora da roda, para trás
Complete:		
	Corpo voltado para fora da roda	Passos para fora da roda, para trás
	Corpo voltado para fora da roda	Passos para dentro da roda
Observe como fica a legenda quando os passos vão no sentido da dança (corpo voltado á direita) e contra-dança (corpo voltado à esquerda):		
	Corpo voltado para a direita, no sentido da dança	Passos para frente (na direção da dança: à direita)
	Corpo voltado para a direita, no sentido da dança	Passos para trás (na direção da contra-dança: á esquerda)
	Corpo voltado para a esquerda, no sentido da contra-dança	Passos para frente, só que na direção da contra-dança: á esquerda
	Corpo voltado para a esquerda, no sentido da contra-dança	Passos para trás (na direção da dança: à direita)
Com base nestes exemplos crie outras direções e explique-as: *a cada quadro siga as orientações sobre a posição do corpo.		

*preencha os quadros vazios.		
	Corpo voltado para o centro da roda	
	Corpo voltado para a direita, no sentido da dança	
	Corpo voltado para a esquerda, no sentido da contra-dança	
E não podemos esquecer dos passos em diagonal, por exemplo:		
	Corpo voltado para o centro da roda	Passos em diagonal para a direita para trás
Como você já deve ter percebido, o número de combinações entre corpo e direção é muito grande. Mas ainda não acabou. Não podemos esquecer dos giros.		
	Corpo tem como ponto de partida o ombro direito para frente	Giro no sentido anti-horário
Entendeu? Então complete o próximo:		
	Corpo tem como ponto de partida o esquerdo para frente	Giro no sentido horário

Conheça alguns códigos da legenda dos passos:

D – pé direito E – pé esquerdo lt – lateral t – atrás xt – cruzar atrás f – frente xf – cruzar na frente j – junto	p – pulo c – chute g – giro pf – ponta do pé na frente do corpo pl – ponta do pé ao lado do outro pé pt – ponta do pé atrás do corpo fl – flexionar os joelhos rep – reposição (repor – voltar o peso do corpo para à posição anterior)
---	--

Foi a focalizadora Sarah Marriot, moradora de Findhorn, quem trouxe pela 1º vez ao Brasil as danças circulares sagradas. Isto aconteceu em meados da década de 80, no Centro de Vivências Nazaré, em Nazaré Paulista – SP. Desde então, profissionais de várias áreas atuam como focalizadores no Brasil.

O caminho inverso também ocorreu, foi o caso de Renata Carvalho Lima Ramos, que visitou a comunidade de Findhorn em 1992 e retornou em 1993 para fazer um curso de danças e se preparar para focalizar as danças em sua cidade, São Paulo, e no País.



Fig 04: danças circulares

E assim, a dança invadiu parques, escolas, hospitais, clínicas terapêuticas, empresas, entre outros espaços que acolheram as danças pelos mais diversos motivos.

Em 1998, a Editora Triom lançou o primeiro livro escrito por brasileiros, organizado pela Renata Ramos. O livro, intitulado “Danças Circulares Sagradas: uma proposta de Educação e Cura”, está organizado em artigos que foram escritos por vários focalizadores. Nele percebemos os diversos olhares sobre as danças circulares no Brasil. Os autores contam sobre suas experiências com as danças em contextos diversos e com variadas intenções. E assim, podemos identificar diferentes sentidos da dança: na saúde a cura, na Educação a humanização das relações, no trabalho a sintonia, na arte a experiência poética.

Curiosidade: várias danças de origem brasileira, como a ciranda, passaram a integrar o repertório de danças sagradas no movimento.

Você sabe quais são os significados das danças em roda para Bernhard e aos adeptos deste movimento?

Impulsionado pelo balé clássico, Bernhard experimentou a rigidez e a disciplina na dança, mas também o poder criativo na composição coreográfica, assim como o ofício de ensinar. Na medida em que se aproximou das danças

circulares, experimentou a sensação de dar as mãos e fluir todos juntos, o sentimento de alegria compartilhada, a percepção de uma grande energia de união e sintonia. Enfim, ele encontrou uma forma orgânica de expressão de sentimentos e de consciência de unidade. Ou seja, de pertencimento a algo que é maior do que sua existência individual: a consciência de viver coletivamente e integrado à natureza.

Em outras palavras, ele se sentiu parte do universo, que é composto pela existência de cada ser vivo que o habita, desde micro-organismos invisíveis aos olhos humanos até grandes belezas naturais.

Esta consciência de unidade nos faz perceber que somos todos responsáveis pelo equilíbrio e harmonia universal.

Isto se deve ao simbolismo da roda e do centro, à relação com o tempo e com o espaço, ao conjunto de movimentos impregnados de significados, às mãos dadas e ao fluir da roda.

Em síntese, o que Bernhard impulsionou foi um movimento para a meditação através da dança. Como ele mesmo dizia, a dança é um caminho para a totalidade.

Para ele, a dança é uma linguagem corporal que se constitui em oração e mensagem poética do mundo divino.

A filha de Wosien, Maria-Gabriele Wosien, é uma referência neste movimento. Ela acredita no potencial das danças enquanto experiência do sagrado, propiciando uma consciência de si e um re-ligar à natureza.

Texto Auxiliar:

[Você já dançou em roda?](#)

[Deborah Dubner \(jornalista e psicóloga\) conheceu o movimento de Danças Circulares Sagradas em 2007. Leia o que ela escreveu sobre os significados deste movimento após participar pela primeira vez do Encontro Brasileiro de Danças Circulares Sagradas \(2008\).](#)

Publicado: Terça-feira, 27 de maio de 2008.

Ciranda cirandinha, vamos todos cirandar

Quando eu era pequena, gostava muito de brincar de ciranda cirandinha. Eu não entendia porque exatamente era tão gostosa essa brincadeira singela e repetitiva. Mas era comum, na hora do recreio, a turminha se reunir em roda e cantar essa e outras músicas que relembram tempos de antigamente.

Cresci e esqueci. Os adultos costumam esquecer essas coisas importantes, por não acharem importante. É de se pensar nisso... em quantas coisas significativas esquecemos, pelo simples motivo de não ter motivo.

Acontece que a vida, nesse "ir crescendo", coloca à nossa frente situações que nos fazem lembrar. De repente, por sorte, merecimento ou alegria, somos conduzidos para lugares e pessoas que abrem dentro da gente portinhas que estavam trancadas, empoeiradas e esquecidas. Como é curioso encontrar verdadeiros salões que moravam dentro da gente e que nem habitávamos! Saber que eles estavam aqui, dentrinho do nosso ser, silenciosos, transparentes e adormecidos!

Aí acontece um "encontrão", um "esbarrão", que chacoalha tudo como se fosse um liquidificador de memórias e sentimentos, e tudo sai do lugar. O que era importante se torna irrelevante. A rotina pede urgência de encontro e a noção do tempo escorrendo toma conta da dimensão do corpo e da alma.

Passei esse feriado por um verdadeiro "encontrão", durante os quatro dias em que vivi no [VII Encontro Brasileiro de Danças Circulares Sagradas](#).

Em todos os sentidos, este Grande Encontro me levou a um encontrão comigo mesma e com as pessoas a minha volta. A roda girou, girou e me levou para todas as rodas da minha vida, trazendo profundidade e beleza. Me espantei com a possibilidade de passar por um processo tão transformador, sem dor. Não sei por que nós achamos que para haver mudança necessariamente deve haver dor. Foi a primeira vez que senti que é possível chegar no profundo amor pelo caminho da beleza, suavemente, sem dramas. Fiquei espantada!

Dançar em roda traz a magia da infância, a pureza da criança, a leveza do brincar. Os movimentos do corpo refletem o viver em todas as suas nuances: dar e receber, pedir e agradecer, abrir e recolher, ser aceito e aceitar, andar e parar, cantar e silenciar, seguir em frente e andar para trás, começar e terminar, cansar e energizar, sorrir e chorar. A dualidade da vida está presente na Roda de Dança Circular Sagrada como um som invisível ou uma luz silenciosa, na dimensão do nosso ser que, inalcançável, nos alcança.

A música e o olhar, linguagens que só a alma entende, envolvem os dançarinos em uma atmosfera circular de desassossego e calma, liberdade e vergonha, medo e coragem. Novamente, a dualidade se faz presente em ritmo acelerado, enquanto o coração bate no seu próprio compasso, misturando-se a todos os passos.

Do meu mais puro dentro, abracei o todo. Do som mais meu, mergulhei no som de todos. Do meu gesto mais único, misturei nas mãos dos outros. De repente, não sabia mais quem era eu, porque tudo era tão grande e eu tão pequena. Mas como eu era

parte, então eu também era expandida, do tamanho do vasto universo....

Tudo isso eu vivi. E sem que ninguém precisasse me explicar, compreendi. O verdadeiro sentido religioso se fez presente no centro, em volta, aqui e acolá. O caminho do amor é tão simples....

Lembrei, então, da minha criança cirandando e pensei: "Como é bom voltar pra casa!"

Fonte: http://www.itu.com.br/colunistas/artigo.asp?cod_conteudo=13960

Deborah nos ajuda a entender porque Bernhard se encantou com as danças circulares. A participação em uma roda de danças circulares sagradas propicia o contato consigo e com o meio. Está relacionada à celebração, presença, espontaneidade, comunhão, meditação e plenitude.

Você deve estar se perguntando, mas será que estas danças são religiosas? E ainda, o que elas tem de diferente das outras danças de roda a ponto de serem consideradas sagradas?

O sagrado, aqui tratado, não quer dizer adesão a algum tipo de religião, mas sim à ligação entre elementos que historicamente os seres humanos quiseram separar. Por exemplo, pense no seu próprio corpo. Você acredita que ele sofre influência do meio em que vive?

A partir do século XVII o corpo foi considerado uma máquina, não havendo nenhuma relação com a natureza e o cosmos (universo). A humanidade, ao pretender dominar a natureza, se separou dela e de si própria.

A partir do momento em que o ser humano se distanciou de sua relação orgânica com o universo as pessoas passaram a valorizar explicações racionais e científicas sobre a origem e o sentido das coisas. Ou seja, deixando de lado os mitos e forças naturais que por muito tempo serviram para que as pessoas compreendessem as influências do universo no clima, no plantio, nos alimentos, nos modos de viver e se organizar no tempo e no espaço.

Por exemplo, céu e terra são considerados elementos sagrados para a consciência mística. A relação com os ciclos solares e a movimentação dos planetas são ritmos cósmicos que influenciavam o ritmo de vida.

Esta desunião faz com que os seres humanos se distanciem do sagrado, que é a conexão, a ligação, o re-ligar de que Maria-Gabriele Wosien se refere. O sagrado pode ser encontrado em tudo, não só no cosmos, no corpo, ou mesmo, no repertório de danças do Movimento de Danças Circulares Sagradas. Mas também no silêncio, num olhar, numa pessoa, numa folha, num fruto, onde houver criação, dor, inspiração.

De acordo a focalizadora Renata Ramos (2009, s/p), a dança pode ser compreendida como oportunidade de abertura para o sagrado, como experiência de conexão e amplitude da consciência.

Toda dança pode ser vivida enquanto experiência sagrada. O fato é que o movimento de danças circulares sagradas preza por esta consciência e conduz para este sentido.

E assim, percebemos que somos mais do que um corpo com pesos e medidas, com aparência e estilo; somos sentimento, desejo, temos memórias, histórias e símbolos.

Falando em simbologia, as danças circulares possuem diversos símbolos e é importante reconhecê-los. Vejamos alguns exemplos:

- **O Círculo:**

O círculo é símbolo de totalidade. Em uma roda de dança todas as pessoas são responsáveis pela formação do círculo, não existe exclusão nem hierarquia, não tem início nem fim. De maneira cooperativa, promove a percepção consciente do respeito e valorização da presença de cada um.

- **A roda:**

A roda em movimento representa trajetórias simbólicas relativas ao tempo, lugar e direção. No seu fluir, movimentos de voltar, parar, avançar, partir e retornar, estão associadas aos ciclos da vida, a movimentação dos astros – como o sol, que representa a origem da luz e da vida – entre outros. A direção da dança acontece no sentido anti-horário, que nos mostra a trajetória do sol desde a manhã até a noite. O sol dá origem à luz, ao calor e à vida.

Ainda, em relação à nossa trajetória: “você parte, vai a algum lugar e sempre retorna”.

- **O centro do círculo:**

É a referência para a distribuição das pessoas na roda, para que todos possam manter-se igualmente distantes do centro e da roda. Ele promove a harmonia do círculo. É também símbolo de calor, luz e conhecimento. É uma tradição dançar com objetos no centro, como fogueira, velas, flores e mandalas.

- **As mãos:**

De mãos dadas, uma palma fica voltada para cima simbolizando receber e a outra voltada para baixo simbolizando doação, equilibrando e circulando energia. Desta maneira, ninguém fica mais para dentro ou para fora da roda, propiciando igualdade e união.

- **Os movimentos:**

A repetição das seqüências de movimentos propicia uma meditação ativa, ou seja, um estado pleno de concentração e consciência. As danças formam mandalas, sendo estas consideradas como círculos sagrados da unidade. “O movimento cadenciado, o ritmo e a participação de cada um na harmonia grupal fazem com que o círculo seja vivenciado como símbolo vivo e pulsante” (COSTA, 1998, p. 23).

Atividade: Composição Coreográfica

Embora as danças circulares não sejam de apresentação, há um movimento de disseminação das danças no youtube, em blogs e outros sites organizados por integrantes do movimento de danças circulares sagradas. Ao acessá-los você poderá apreciar algumas danças e pesquisar as possibilidades de movimento na roda (direções e passos).

Com base nestas referências sua turma poderá se organizar em grupos e com o auxílio do Professor/a elaborar coreografias na estrutura circular. O resultado do trabalho não deverá ser apenas apresentado aos colegas, mas sim ensinado e vivenciado por toda turma. Após a primeira etapa de assimilação das danças, é possível que a turma organize um baile.

Atenção: durante o processo de criação da coreografia esteja atento(a) à estrutura da música. Nas danças circulares, em razão do seu caráter repetitivo, é

preciso que haja um “casamento entre música e movimentos”. Neste sentido, escute a música com atenção, perceba o melhor momento de iniciar os passos, seu ritmo e duração.

Outra coisa, não é a quantidade de movimentos que definirá se a coreografia tem qualidade. Há muitas danças simples que sintonizam com a música e são muito boas de dançar.

E ainda, perceba que as coreografias que possuem passos para dentro da roda necessitam de passos para fora, ou o inverso. Caso contrário, a roda pode ficar muito pequena, sem espaço, ou muito aberta a ponto das pessoas soltarem as mãos ou baterem nas paredes, caso estejam num ambiente fechado.

Para finalizar, você pode utilizar outras formações além da roda. Você pode experimentar danças em pares, formar uma corrente aberta (o focalizador solta a mão direito ou esquerdo e abre um pouco a roda), uma espiral (tipo caracol de festa junina), formar grupos alinhados ao centro (como raios de sol).

Suas composições entram na classificação das danças contemporâneas, pois não fazem parte de uma tradição. Todavia, suas construções, embora atuais, não significam ausência de significados. Ou seja, mesmo as composições recentes refletem motivações e representações sobre o mundo. Por exemplo, as coreógrafas Cristiana Menezes, brasileira, e Nanni Kloke, alemã, criaram danças baseadas em obras literárias. Trata-se das fábulas “A história de uma folha” e “O pequeno príncipe”.

Curiosidade:

Em 2008, a Cristiana Menezes ministrou um curso em Itu – São Paulo e ensinou a um grupo de 40 pessoas as suas novas composições baseadas na obra de Leo Buscaglia, a história de uma folha. “Dançamos a vida de uma folha durante a passagem das estações, numa poética e comovente alegoria ilustrando o ciclo de nossa existência e o delicado equilíbrio entre a vida e a morte”. (Menezes, s/p)

Neste sentido, quando estiver criando sua coreografia esteja atento(a) ao que ela representa para você, quais foram suas motivações, com base em quais idéias elaborou os passos e definiu as direções.

Sugestão de filmes: Zorba o Grego, Casamento grego.

REFERÊNCIAS:

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DUBNER, Deborah. Ciranda cirandinha, vamos todos cirandar. Disponível em <http://www.itu.com.br/colunistas/artigo.asp?cod_conteudo=13960> Acesso em 20/11/2008.

ELÍADE, Mircea. O sagrado e o profano. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Afonso, 1992.

RAMOS, Renata Carvalho Lima. Danças Circulares Sagradas: Uma proposta de Educação e Cura. São Paulo, Triom: Faculdade Anhembi Morumbi, 1998.

WOSIN, Bernhard. Dança: Um caminho para a totalidade. São Paulo: Triom, 2000.

WOSIN, Maria-Gabriele. Dança: Símbolos em Movimento. São Paulo: Editora Anhembi, 2004.

Irish Mandala. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=lgML54XaVQE>> Acesso em 12/05/2009.

IMAGENS:

[Fig 01 : blog.dancaviva.com.Br](http://blog.dancaviva.com.Br)

[Fig 02: www.rainhadapaz.com.br](http://www.rainhadapaz.com.br)

[Fig 03 : www2.prefeitura.sp.gov.br](http://www2.prefeitura.sp.gov.br)

[Fig 04 : www.semeiadanca.com.br](http://www.semeiadanca.com.br)